

REVISTA CICEP
EVOLUÇÃO

MARÇO DE 2026 V.5 N.3

DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/03/2026

ISSN: 27645363



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 03

Março 2026

Publicação

Mensal (março)

SL Editora

Rua Iru, 27, casa 6 – Vila Formosa - 03363-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Luiz Cesar Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 5, n. 03 (2026) - São Paulo: SL Editora, 2026 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaoicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/03/2026

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DA LEITURA

LUCIANA MENDES SANTOS CAPITANI 04

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS 16

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DA LEITURA

LUCIANA MENDES SANTOS CAPITANI

RESUMO

Atualmente, ver alguém lendo um livro seja em um transporte coletivo, ou em um parque, ou em algum momento de descanso, em que a leitura venha a ser a principal terapia e relaxamento, é algo que chama a atenção de muitos. Antes dos atuais recursos tecnológicos de comunicação, televisão, internet, celulares, etc., era comum o hábito da leitura como parte da rotina do homem. Homens e mulheres carregavam livros com os mais variados temas; jornais eram “quase” acessórios dos homens, sempre havia um embaixo do braço.

Palavra chaves: professores, leitura, família.

O ato crítico de ler aparece como uma constelação de atos da consciência do leitor, que são acionados durante o ENCONTRO significativo desse leitor se situar concreta e criticamente no ato de ler. É este situa-se (isto é, estar presente com e na mensagem) que garante o caráter libertador do ato de ler. (NUNES 1994, p.12)

As cartas manuscritas eram verdadeiras aliadas das pessoas. Podiam conter segredos, notícias alegres ou tristes, confissões, revelações proibidas e mistérios mal resolvidos, enfim, a leitura era verdadeiramente uma fonte de sabedoria, acrescentando conhecimentos, despertando o senso crítico, desenvolvendo o aprendizado e enriquecendo a cultura de cada pessoa, além de alimentar o prazer por um livro.

Mas, os tempos mudaram e conseqüentemente o hábito da leitura. E muitos se perguntam: Para quê preciso ler? Qual a importância da leitura na nossa vida? Sabemos que existem várias respostas para essas indagações, e muitos escritores definiriam a importância da leitura, cada qual a seu modo. No entanto, há de concordarmos que através dos livros, descobrimos e aprendemos, culturas, histórias e hábitos diferentes, e compreendemos a realidade, as idéias, vivências, sonhos, etc.

Para RUIZ (2002, p.35), “É mister, primeiramente, frisar que a leitura é muitíssimo importante, pois “[...] amplia e integra conhecimentos [...], abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência [...]”.

Deve haver na escrita sempre um sentido para quem a lê, para que não se torne apenas uma decodificação de signos, de símbolos. A leitura deve ser muito mais do que o simples fato de se saber ler. Através dela há uma interação das pessoas com o mundo e entre si. Segundo Silva (1991), a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Assim, ela não se restringe ao simples fato de decodificar esses signos, mas exige do leitor essa capacidade de interagir com o mundo.

Independente dos livros serem didáticos utilizados nas escolas, ou terem conteúdos voltados para o lazer, eles sempre estarão voltados para o desenvolvimento do conhecimento, pois a leitura, como já referido antes, ajuda- nos a descobrir outros lugares, tempos, jeito de agir e de ser, ética e cidadania, ou seja, é aprender História, Geografia, Sociologia, Filosofia, e outros, de diversas formas, sem estar em uma sala de aula.

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política. (NUNES

1994, p.14)

A leitura pode estar voltada para algum tipo de estudo, geralmente cobrada em salas de aulas, com o objetivo de transmitir algum conhecimento específico, fazendo com que o aluno apenas recorra à leitura quando necessário ou solicitado, mas nem sempre por interesse. No entanto, o leitor que sabe apreciar uma leitura, aprende a interpretar, a compreender melhor, e a dominar os mais variados assuntos. Então, podemos também reforçar que há aqueles que têm o hábito de ler por prazer, desenvolvendo a imaginação, enriquecendo o vocabulário, envolvendo linguagens diferenciadas e afins; e há o gosto pela leitura priorizando a informação, envolvendo leituras de artigos científicos, textos informativos, didáticos, mas esses três tipos de leitura nem sempre se referem à três tipos de leitores, mas tão somente ao fato da importância de se adquirir e resgatar esse antigo hábito.

A leitura no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação, sem contar os conhecimentos mil que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos como a literatura policial, a literatura infantil ou infanto-juvenil, a literatura fantástica, a literatura clássica, além dos artigos políticos, econômicos, sociais e culturais encontrados nos jornais e em outros veículos de informação impressa.

Com o passar dos tempos, está cada vez mais precário o hábito da leitura entre os brasileiros. Sabemos que todo conhecimento acadêmico da humanidade está nos livros, sejam eles concretos ou virtuais, mas são através deles que sabemos, que aprendemos, que crescemos em conhecimento. As justificativas são as mais variadas: falta de tempo, falta de recursos para a aquisição de livros, falta motivação e estímulo, falta de interesse e muitas outras. Uma das mais preocupantes é a falta de acesso aos livros, como acontece em lugares de comunidades de baixa renda, que sequer tem o alimento em suas mesas (quando têm mesas), muito mais ter livros, mas fora essa questão social e política, destaquemos que a grande maioria da população não tem o hábito da leitura.

Mas, ninguém se torna um leitor da noite para o dia. Há de se considerar que uma pessoa que vem de uma família sem esses hábitos, dificilmente despertará o interesse pela leitura, já que cresceu sem ver em seu convívio, leitores ou até mesmo sem ter livros ou materiais de leitura em sua casa. Uma escola sem estrutura física, sem profissionais interessados ou planejamentos voltados para a formação de leitores, também reduz o incentivo de se ler, em que leitura associa-se apenas à livros disponibilizados para estudos, com o único objetivo de fazer atividades ou trabalhos escolares. Assim, esquecem que ler é importante e contribui ricamente para a formação de cidadãos.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p.5).

No Brasil, o “Retratos da Leitura no Brasil”, é a maior pesquisa sobre hábitos de ler no país, sendo uma iniciativa do Instituto Pró Livro dentro de uma ação do PNLL, Plano Nacional de Livro e Leitura. Em uma das suas recentes pesquisas, constatou-se que os exemplos familiares e círculos sociais ainda são os maiores influenciadores na formação da imagem que o leitor médio brasileiro tem do livro e da leitura como ferramenta eficiente para a mudança de vida das pessoas.

Mas, a escola não fica muito atrás desses índices, e deve se atentar com essa responsabilidade sobre estimular seus alunos a ler. Na verdade, a grande maioria dos brasileiros não lê porque na escola não o ensinaram a ler, no sentido mais profundo da palavra, ou seja, apreender o que está escrito, refletir, questionar, "viajar" com um texto. A indústria da educação brasileira ensina apenas para o aluno passar no vestibular. A formação humanística, a compreensão do mundo através de sua história, não está em questão.

No entanto, há muitos caminhos a serem percorridos para esse

quadro mude. Conscientizar, motivar, estimular, facilitar o acesso a livros, iniciativas sociais e educacionais, e enfim, há todo um processo e interesse que as escolas, principalmente, podem fazer para aumentar o número de leitores em nosso país. Não depende, é claro, somente das escolas, mas também de apoio do governo e de uma participação maior da família em buscar essas mudanças na sociedade.

Quanto aos meios falaremos no decorrer do trabalho e conheceremos um pouco mais sobre qual literatura ler, em especial a literatura brasileira. Ao abordarmos sobre o hábito de leitura com os alunos do oitavo ano, introduzimos questões referentes ao assunto como já mencionado na metodologia que utilizamos para coleta de dados.

Os gibis sempre foi e sempre estarão no gosto pela leitura desde a infância até adultos. São divertidos, distraem a cabeça e é a única leitura que realmente faz qualquer adolescente trocar seu celular, MSN, Play Station, por um gibi que lhe interesse.

Mas, o verdadeiro objetivo era descobrir o hábito da leitura entre nossos adolescentes, e o resultado era esperado, já que envoltos por pura tecnologia, ler livros atualmente nem sempre é hábito, mas obrigação, principalmente se recomendados pela escola, e mais ainda se tratando de literatura brasileira, que muitas vezes é vista como regra de conhecimento para vestibulares ou concursos.

Os fatos, os fenômenos ou acontecimentos relatados pelo historiador literário ocorreram no passado, mas como seu relator também é um indivíduo historicamente situado, ele constrói sua narração à luz de uma visão comprometida com o tempo e o local da enunciação. Como construção discursiva, a história literária é a narrativização de eventos literários, e como tal ela não pode fugir ao movimento hermenêutico referido (COUTINHO in MOREIRA, 2003, p.16).

Podemos dizer que alguém possui letramento literário aquele que

não apenas é capaz de ler e compreender textos literários, mas como aquele que aprendeu a gostar de ler obras literárias e a faz por escolha, ou seja, conhece tão bem a literatura literária que adéqua seus textos as suas necessidades, alguém que não apenas seja capaz de ler obras literárias, mas sim deixe a condição de um simples expectador para a condição de leitor literário, ou mais precisamente o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.

O letramento não deve ser considerado apenas como uma habilidade pronta, ou seja, apenas ler uma obra sem perceber o que diz a obra, qual sua fundamentação em que sentido essa obra poderá enriquecer sua vida em termos de conhecimentos entre outros, mas sim tem que haver uma compreensão na qual se deve exigir uma atualização permanente do leitor em relação ao mundo literário.

A leitura literária deve sem sombras de dúvidas ser empregada como possibilidade que poderá se resultar no início de uma grande e prazerosa caminhada com outras leituras, ou seja, leituras não literárias, o leitor letrado possuir habilidades que possa diferenciar uma obra literária de outro texto não literário. Esse processo só se tornara possível a partir da construção do gosto pela leitura, do hábito do aluno, pela leitura não só literária, mas pelos outros textos com características diferentes.

O aluno deve sentir se intimo da leitura para assim permitir que a mesma faça parte da sua vida, que a leitura literária tenha um espaço em seu cotidiano, que esse aluno saiba de alguma forma usá-la.

O letramento literário é o fruto que surge a partir do incentivo não só do professor, mas de toda parte envolvida nesse processo, de cultivar a cultura do universo literário. E isso poderá ocorrer através da criação e utilização de mecanismos que possam despertar no aluno a compreensão da necessidade de ter gosto pela leitura, uma vez que a literatura é um dos usos sociais da escrita, o letramento literário tem uma relação diferente da escrita, por isso é considerado como um tipo de letramento singular, e isso tornam esse tipo de letramento diferenciado dos outros tipos de

letramentos, porque a literatura em se ocupa uma determinada área de atividade e conseqüentemente de conhecimento.

Portanto a literatura ocupa um lugar único em relação á linguagem, ou seja, é função da leitura tornar o mundo compreensível transformando a sua maternidade em palavras de cores, criando assim um universo fantasioso, mas ao mesmo tempo real.

O letramento feito com textos literários, ou seja, obras literárias têm o poder de proporcionar um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita posta que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma.

Assim o letramento literário pode ser analisado como o processo de apropriação da leitura enquanto construção literária, não apenas como um saber que adéqua sobre a leitura, mas sim uma experiência de dar sentido ao universo através de palavras que falam de palavras transcendendo o limite de tempo e espaço.

Podemos considerar uma pessoa letrada em termos da literatura, aquele que é capaz de interpretar uma determinada obra literária pontos como: qual foram as intenções que o autor quis abranger, qual a mensagem que o escritor passou e qual a mensagem que pode ser retirada desse texto, e também em que essa mensagem poderá contribuir para sua formação como discente e conseqüentemente na sua vida em sociedade.

Além disso, é importante que os estudantes tenham em mente que a literatura não está apenas impressa e assim lida de maneira não funcional, mas está em todo tipo de produção ficcional, ou seja, a literatura está também nas músicas, imagens e movimentos, tais como nas novelas, filmes, minisséries, peças teatrais entre outros. Então se entende que o letramento literário permite que o aluno saiba identificar nesses meios os mecanismos que a literatura está presente. Com essa concepção o leitor não ver a literatura apenas nos livros, mas em toda sua volta, atendendo suas necessidades de divertimentos e fantasia.

É por intermédio da literatura das obras literárias que o estudante

poderá se alto construir enquanto leitor. Isso ocorrerá através da mediação do educador, pois só assim o estudante terá a capacidade de realizar uma leitura eficiente dos textos literários.

Portanto o letramento literário possibilita as pessoas a entender que a literatura encontra-se em espaços e modos de criação e de circulação muito mais ampla, ou seja, que a literatura encontra-se não apenas nos livros, ou seja, não se limita apenas nos livros, mas ela pode ser vista em outras formas. Letramento literário deve ser visto como práticas sociais de uso da escrita literária especializada tida como canônica e, também, todas as práticas sociais de uso da escrita com a intenção de se obter prazer.

A grande dificuldade em trabalhar com o Letramento Literário com os alunos de ensino, já se inicia pelo fato de que muitos deles têm a disciplina de literatura com desnecessária. Mas devemos lembrar que Cosson (2011, p.20): ressalta “o uso da literatura como matéria educativa tem longa história, a qual antecede a existência formal da escola”.

Como letrar jovens, que, não gostam de ler clássicos da literatura? Como medir essa leitura de forma que produza esse resultado satisfatório são muitas as indagações sobre a que fazer para que o letramento literário ocorra, com menciona Cosson (2011, p.21):

No ensino Médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários quando aparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos antes.

O processo de letramento literário na escola deve alcançar êxito

quando alunos e professores derem a importância precisa a essa prática deixando de lado a superficialidades do texto. Para que ocorra o letramento, é necessário que esse leitor entenda o principal propósito de se tornar um leitor em potencial, de ir aos poucos descobrir o que só se aprende fazendo uso. Portanto, a disciplina não só deve permanecer, como é capaz sim, de educar para a vida.

O comprometimento dos professores em mostrar a seus alunos que textos literários, de modo a incentivá-los, não como pequenos fragmentos que são de prática, que só os conduzem a reconhecer características da escola literária, mas apostar que o conhecimento da obra os fará motivados a conhecer e entender lá.

O professor deve também ter gosto pela leitura, mostra a seus alunos, o quanto a leitura é importante no processo educativo, o envolvimento do professor com essas literaturas é um dos passos, a preocupação da escola nesse processo educativo fará com que, o interesse aconteça, e assim forme cidadãos críticos, sabedores que só através do conhecimento. Cabe ressaltar o que diz Cosson (2011, p.25): “o letramento literário no ensino médio deve ser feito a partir da construção do gosto do aluno pela literatura. O aluno deve se sentir próximo da literatura para que essa faça parte dele e o ajude a desenvolver suas capacidades de escrita. ” Ao que se parece o estudo da literatura só, é feito obrigatoriamente o que deixa a situação desconfortável, para os educadores de sente a necessidade de formar cidadão letrado.

É interessante ressaltar que o crescimento de cada leitor deve ser espontaneamente a busca que cada um faz, traz a si mesmo a transformação necessária para torná-los leitor em potencial. Ao incentivar o professor deve antes de tudo, auxiliar neste início, sem pressionar para que o aluno não encare tudo isso como chato. Deixa a vontade em suas escolhas literária pode sim, motivado, mas neste processo. Fazer algo obrigatoriamente causa muito desconforto, a imposição de texto por parte da escola.

O ato de ler espontaneamente, instigar o conhecimento e a busca por esta realidade sem estar ligada e estudo por obrigação. É interessante que a escola crie mecanismo que leve seus alunos a lêem clássicos da literatura, por essa razão, fazer leituras de obras que traz em seus conteúdos motivos de interesse de seus alunos e assim encontre na leitura mais prazer ao ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas realizadas nota-se que a literatura infantil é um método que os educadores que trabalham com educação infantil deveriam utilizar, pois percebe-se que é uma motivação para os alunos estarem construindo conhecimentos, tornando a criança ativa e participativa, dessa forma a aprendizagem se tornará significativa fazendo se cumprir o que reza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 29º “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Ao término do desenvolvimento que originou o presente trabalho pode-se constatar que os quatro professores aderiram ao projeto “Contando e recontando estória’ que teve como objetivo incentivar os educadores a trabalharem a literatura infantil na fase pré escolar do educando.

Portanto espera-se que o presente trabalho venha contribuir para que tanto educadores quanto pais despertem para a necessidade de trabalhar desde os primeiros anos escolares a literatura infantil com seus alunos e filhos, pois é através dela que o aluno despertará o prazer em ler.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gosturas e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BAMBERG, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHO, Marlene. Guia prático para o alfabetizador. São Paulo: Ática, 2003.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Vol. I a VI. São Paulo: 2003
- CUNHA, Maria A. A. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1993.
- CURY. Roberto J. LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394/96. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.
- CRAIDY, Carmem; GLÁDIS, Elise K. Educação infantil. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- DOXSEY, Jaime Roy Doxsey. Módulo de Metodologia Da Pesquisa Científica. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil 2009.
- EXPEDIÇÃO VAGALUME. Disponível em acesso em 31 de out. de 2012.
- ENTREVISTA, O mago da literatura infantil em Rondônia. Disponível em: acesso em 01/09/2017.
- FARIA, Maria A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FILHO, Paulo B. Pela leitura literária na escola de 1º grau. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32. ed. São Paulo: Terra e paz, 1997.

GARCIA, Regina L. Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GOBBI, Beatriz Christo; Manual de Monografia ESAB 2012 / Escola Superior Aberta do Brasil – Vila Velha, ES, 2012.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LINS, Guto. Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade. São Paulo Rosari, 2002.

NUNES, José Horta. Formação do leitor brasileiro: imaginação da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.

REGO, Lucia Lins Browne. Literatura Infantil uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. 2 ed. São Paulo. FTD, 1995.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2003.

_____, Regina; LAJOLO, Marisa. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

_____, Regina. A literatura infantil na escola. 11. Ed. São Paulo: Global,

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

RUTE MARIA DE SOUZA MARTINS

Resumo

Este artigo discute o papel da coordenação pedagógica no contexto da formação docente na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, considerando as políticas formativas promovidas pela Secretaria Municipal de Educação e pelas Diretorias Regionais de Educação. A partir de uma abordagem qualitativa e reflexiva, analisa-se a coordenação pedagógica como elo entre as propostas institucionais de formação continuada e o cotidiano das práticas escolares. O texto destaca a importância da participação dos coordenadores pedagógicos em percursos formativos promovidos pela SME e pelas DREs, bem como o papel dos docentes e especialistas que, com olhar técnico-pedagógico sobre as aprendizagens, atuam como multiplicadores de saberes nos contextos escolares. Evidencia-se que a coordenação pedagógica assume centralidade na mediação dos processos formativos, contribuindo para o fortalecimento das práticas docentes e para a garantia do direito de aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Coordenação pedagógica; Formação docente; Rede Municipal de Ensino de São Paulo; Formação continuada; Liderança pedagógica.

Abstract

This article discusses the role of pedagogical coordination within the context of teacher education in the São Paulo Municipal Education Network. It analyzes the training policies promoted by the Municipal Department of Education and Regional Education Directorates, emphasizing pedagogical coordination as a key link between institutional teacher training proposals and everyday school practices. The study highlights the importance of coordinators' participation in training pathways, as well as the role of teachers and educational specialists—who, through a technical-pedagogical focus on learning processes, act as knowledge multipliers within schools. The article argues that pedagogical coordination plays a central role in mediating professional development processes and strengthening teaching practices aimed at ensuring students' learning rights.

Keywords: Pedagogical coordination; Teacher education; São Paulo municipal education network; Continuing education; Pedagogical leadership.

1. Introdução

A formação docente constitui um eixo estruturante das políticas educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME-SP), sendo entendida como processo contínuo, coletivo e articulado às práticas pedagógicas desenvolvidas nas unidades educacionais. Nesse cenário, a coordenação pedagógica ocupa um lugar estratégico ao atuar como mediadora entre as diretrizes institucionais da Secretaria Municipal de Educação (SME), as formações promovidas pelas Diretorias Regionais de Educação (DREs) e o cotidiano dos professores em sala de aula.

A complexidade dos desafios enfrentados pela escola pública — intensificada pelas desigualdades sociais, pelas demandas do Currículo da Cidade e pela garantia das aprendizagens — exige que a coordenação pedagógica assuma o papel de formadora, articuladora e mobilizadora dos processos educativos. Essa atuação demanda não apenas domínio técnico-pedagógico, mas também participação sistemática em espaços formativos institucionais, nos quais se constroem leituras qualificadas sobre currículo, avaliação e práticas de ensino.

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da coordenação pedagógica na formação docente da RME-SP, enfatizando a importância da participação dos coordenadores em formações promovidas pela SME e pelas DREs, bem como o protagonismo de docentes e especialistas que atuam como multiplicadores de saberes nos contextos escolares.

2. Fundamentação teórica

A literatura educacional reconhece a coordenação pedagógica como instância fundamental na consolidação de políticas de formação continuada, especialmente em redes públicas de grande porte, como a de São Paulo. Estudos indicam que a coordenação pedagógica constitui um elo entre as políticas educacionais e a prática docente, possibilitando a ressignificação das propostas formativas a partir das realidades escolares.

Na RME-SP, a coordenação pedagógica é compreendida como responsável pela organização, acompanhamento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem, bem como pela condução dos momentos formativos coletivos, como o Projeto Especial de Ação (PEA) e outros dispositivos institucionais de formação continuada. Nesse sentido, reforça-se a necessidade de que coordenadores pedagógicos participem ativamente das formações ofertadas pela SME e pelas DREs, de modo a qualificar sua atuação como formadores no âmbito da unidade escolar.

A formação continuada proposta pela SME-SP tem buscado alinhar currículo, avaliação e práticas pedagógicas, valorizando espaços de reflexão coletiva e compartilhamento de saberes profissionais. Tais espaços tornam-se mais potentes quando incorporam a experiência de docentes e especialistas que, a partir de um olhar técnico-pedagógico sobre as aprendizagens, contribuem para a análise dos dados educacionais e para o planejamento de ações formativas contextualizadas.

3. Metodologia

O artigo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-reflexivo, fundamentada em revisão bibliográfica e análise documental. Foram considerados documentos institucionais da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que orientam o trabalho da coordenação pedagógica e as políticas de formação continuada, bem como artigos acadêmicos que discutem a atuação do coordenador pedagógico na RME-SP.

A reflexão apresentada também dialoga com experiências formativas vivenciadas nos contextos escolares da rede municipal, especialmente aquelas relacionadas à participação em encontros formativos promovidos pelas DREs e à mediação pedagógica realizada no interior das escolas.

4. Resultados e discussão

A análise evidencia que a coordenação pedagógica desempenha papel central na articulação entre as propostas formativas institucionais e as demandas concretas das unidades educacionais. A participação dos coordenadores em formações promovidas pela SME e pelas DREs possibilita a ampliação do repertório teórico-metodológico e o aprofundamento da compreensão sobre currículo, avaliação e acompanhamento das aprendizagens.

Observa-se que docentes e especialistas com olhar técnico-pedagógico — como professores orientadores de área e formadores — assumem papel relevante na multiplicação dos saberes construídos nos espaços formativos, fortalecendo práticas colaborativas e favorecendo a aprendizagem entre pares. Essa partilha contribui para a constituição de uma cultura formativa na escola,

na qual o conhecimento pedagógico circula de forma coletiva e contextualizada.

Nesse processo, a coordenação pedagógica atua como mediadora, organizando tempos e espaços de formação, promovendo a análise dos dados de aprendizagem e incentivando práticas reflexivas que dialogam com os desafios reais do trabalho docente. Tal atuação revela-se fundamental para que a formação continuada não se restrinja à transmissão de orientações, mas se configure como prática emancipatória e transformadora.

5. Conclusão

A coordenação pedagógica, no contexto da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, emerge como eixo central da formação docente, articulando políticas públicas, propostas institucionais e práticas escolares. A participação ativa dos coordenadores pedagógicos nas formações promovidas pela SME e pelas DREs fortalece seu papel como formadores e amplia as possibilidades de impacto dessas ações no cotidiano da sala de aula.

Ao valorizar a atuação de docentes e especialistas como multiplicadores de saberes, a coordenação pedagógica contribui para a construção de uma formação continuada coletiva, situada e comprometida com a melhoria das aprendizagens. Reafirma-se, assim, a importância do investimento em políticas

públicas de formação e na valorização do trabalho da coordenação pedagógica como estratégia para o fortalecimento da educação pública municipal.

Referências

ALMEIDA, Jéssica Bagio Negrão de. A coordenação pedagógica e a formação dos docentes na Rede Municipal de São Paulo. *Revista Mais Educação*, v. 8, n. 8, 2025.

PERINI, Renata Lívia Soares; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. O coordenador pedagógico e a formação continuada de professores dos anos iniciais. *Educação e Pesquisa*, v. 50, 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenação Pedagógica: orientações gerais. São Paulo: SME, 2025. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-fundamental/coordenacao-pedagogica/>. Acesso em: 2026.

SOARES, Carolina de Queiroz Silva; CARVALHO, Celso do Prado Ferraz de. Formação continuada de professores da Rede Municipal de São Paulo no contexto da implementação do Currículo da Cidade. *Formação Docente*, v. 17, n. 36, 2025.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: orientações didáticas e pedagógicas para a Coordenação Pedagógica. São Paulo: SME, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação.

Instrução Normativa SME nº 03, de 2024. Reorganiza o Programa Aprender e Ensinar no Ensino Fundamental. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação.

Instrução Normativa SME nº 04, de 01 de fevereiro de 2024. Reorganiza o Projeto Formação da Cidade, destinado aos docentes das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação.

Instrução Normativa SME nº 10, de 13 de fevereiro de 2025. Institui o Projeto Formação em Contexto destinado aos docentes e coordenadores pedagógicos da Rede Municipal de Ensino. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação.

Decreto nº 54.453, de 10 de outubro de 2013. Dispõe sobre as atribuições dos profissionais de educação que integram as equipes escolares da Rede Municipal de Ensino. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação.

Coordenação Pedagógica: organização pedagógica e atribuições. São Paulo: SME, 2025. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-fundamental/coordenacao-pedagogica/>. Acesso em: 2026.

